

# ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP  
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

## CORPO, MÍDIA E ESPORTE: UMA LEITURA DE HANS ULRICH GUMBRECHT E DAVID FOSTER WALLACE<sup>1</sup>

*Luciana Molina Queiroz<sup>2</sup>,*

### Resumo:

Este texto se propõe a investigar a experiência estética contemporânea relacionada aos esportes a partir da obra “Ensaio da beleza atlética”, de Hans Ulrich Gumbrecht e do ensaio “Federer como experiência religiosa”, de David Foster Wallace. Separados por apenas um ano, ambos os textos se colocam questões similares sobre a natureza dessa experiência. Tendo isso em vista, a análise dos textos em questão será articulada com a reflexão de ambos os autores sobre a mídia de massa e as mudanças trazidas por ela no que se refere à percepção de temporalidade e espacialidade. Uma das ideias mais originais de Gumbrecht se refere à dimensão de presença, cada vez mais deixada de lado com a valorização da tecnologia. David Foster Wallace foi um consumidor e crítico do entretenimento estadunidense. Foi, igualmente, tenista quando jovem e um dos maiores escritores estadunidenses contemporâneos. Em seu ensaio sobre o tenista suíço Roger Federer, ele está o tempo todo lembrando da drástica diferença entre assistir ao esporte em corpo presente e assisti-lo mediado pela televisão. Até que ponto essas análises dos esportes se entrelaçam com um importante diagnóstico de época acerca da experiência estética?

**Palavras-chave:** Corpo; esporte; intensidade; mídias; presença.

### Abstract:

This paper proposes to investigate the contemporary aesthetic experience related to sports in the works “In Praise of Athletic Beauty”, by Hans Ulrich Gumbrecht, and “Federer as religious experience”, by David Foster Wallace. One year apart from each other, both pose similar questions on the nature of that experience. In relation to this, the analysis of these texts will be articulated with the reflection that both authors make upon mass media and the modifications brought by it with regard to the perception of temporality and spatiality. One of the most original ideas by Gumbrecht concerns the dimension of presence, which has become more and more forgotten through the valuation of technology. Foster Wallace was a consumer and a critic of USA's entertainment, and also a tennis player as a young man and one of the greatest American contemporary writers. In his essay on Swiss tennis player Roger Federer, he constantly reminds the reader of the drastic difference between watching a match on television and watching it live. In which sense these analyses about sports are entwined with an important epochal diagnosis on aesthetic experience?

**Keywords:** Body; Sport; Intensity; Media; Presence.

---

<sup>1</sup> Body, Media, and Sports: A Reading of Hans Ulrich Gumbrecht and David Foster Wallace.

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela UFMG e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Endereço de e-mail: [lucianaqueiroz@gmail.com](mailto:lucianaqueiroz@gmail.com).

*Olho muito tempo o corpo de um poema  
até perder de vista o que não seja corpo*

Ana Cristina César

Proponho-me aqui a investigar a experiência estética contemporânea relacionada aos esportes a partir do ensaio “Federer como experiência religiosa”, do escritor estadunidense David Foster Wallace, e da obra “Elogio da beleza atlética”, de Hans Ulrich Gumbrecht. Tomando essas obras como epicentro, estenderei a discussão a outras publicações de Gumbrecht que versam sobre o corpo e a presença.

Quando perguntado sobre o texto de David Foster Wallace em correspondência privada, Gumbrecht não só demonstrou que conhecia o ensaio como foi bastante elogioso em relação a ele. Separados por apenas um ano, “Federer como experiência religiosa”, de Foster Wallace, e “Elogio da beleza atlética”, de Gumbrecht, desdobram questões sobre a natureza da experiência esportiva. De maneira similar, ambos articulam uma reflexão sobre a relação entre o esporte como experiência estética e a análise das mídias de massa. Nesse sentido, importa discutirmos não só o corpo presente na prática esportiva, mas também o corpo que assiste aos esportes, assim como são suas reações a partir de diferentes formas de recepção, a saber: a mediação por aparelhos e a presença de corpo presente. Outra similaridade entre os dois textos que chama atenção diz respeito à forma – que, além de consistir em uma reflexão de cunho mais especulativo e ensaístico, mescla-se também com a crônica e a autobiografia. Ambos apresentam momentos de grande beleza narrativa, ao recuperarem realizações notáveis e anedotas das práticas esportivas. Meu objetivo aqui não é o de esgotar todas as diversificadas temáticas que permeiam essa discussão em ambos os autores, mas apenas o de apontar para alguns elementos que parecem particularmente relevantes para analisarmos a relação entre corpo e mídia. Com isso, a reflexão servirá para discutir aspectos mais gerais a respeito do modo como esses polos se interpenetram na experiência estética contemporânea.

Explícito, então, o percurso argumentativo do artigo. Em um primeiro momento, serão analisadas características centrais do ensaísmo de David Foster Wallace, e em particular sua perspectiva sobre esporte no já citado ensaio sobre Federer. Em seguida, passamos à análise do livro de Gumbrecht e de suas principais contribuições sobre a temática esportiva. A fim de nos aproximarmos da relação entre esporte e mídia no pensamento do autor, analisamos sua descrição da sociedade contemporânea como uma cultura predominantemente de sentido, isto é, como uma cultura mais dedicada à hermenêutica e à interpretação subjetivas do que ao que Gumbrecht chama de “presença”. Preliminarmente, podemos definir o domínio da presença como o pertencimento das pessoas ao mundo como corpos contíguos a outros objetos físicos. Dando seguimento a essa discussão, exploraremos paralelos entre a fruição de esportes e a literatura, com o objetivo de enfatizar a originalidade das contribuições do autor para a investigação do

fenômeno estético e artístico na sua relação com o corpo. Para concluir, investigamos a intensidade do uso de aparelhos, das mídias e a virtualização do mundo digital em sua relação com a mitigação da presença na sociedade contemporânea, tomando como exemplo e referência o contexto atual da crise da covid-19 e do isolamento social.

Tendo em vista os objetivos e o percurso argumentativo, podemos iniciar com uma apresentação de David Foster Wallace, que foi assíduo consumidor e crítico do entretenimento estadunidense. As críticas que faz à cultura estadunidense e ao aspecto trivializante da diversão são um contraponto importante para a reflexão feita sobre mídia e esporte. Nas obras do autor, essa discussão também advém de um profundo conhecimento de como a cultura estadunidense se estrutura. Em outro de seus ensaios sobre o tênis, “*Democracy and Commerce at the U.S. Open*”<sup>3</sup>, ele discutirá os aspectos propagandísticos e financeiros envolvendo o tênis competitivo.

Como ex-jogador que participou do circuito juvenil de tênis, ele também possui o conhecimento do *insider* para tratar da prática esportiva. Nesse sentido, sua reflexão sobre o tenista Roger Federer mescla aspectos técnicos e históricos do esporte para falar sobre o tênis. Mas o que mais me interessa neste ensaio é sua compreensão filosófica do fenômeno.

A relação de David Foster Wallace com a filosofia não é de se desprezar. Filho de um professor universitário de Filosofia, o escritor se graduou em Inglês e em Filosofia, com ênfase em Filosofia Analítica e Filosofia da Matemática. Como se sabe, é hoje considerado postumamente por muitos como um dos grandes romancistas estadunidenses do século XXI. Nesse sentido, embora profissionalmente Foster Wallace não tenha se dedicado à área de Estética, é de se supor que um escritor de projetos ambiciosos e experimentais apresente uma refinada visada do fenômeno estético. Além disso, ao abordar a temática do belo esportivo, ele recorrerá à experiência religiosa e à metafísica para dar cabo de discuti-lo. Em razão disso, há muitos elementos para entendermos sua produção ensaística como *soft philosophy*, ou seja, como uma forma diluída de reflexão filosófica. Embora esses ensaios tenham sido direcionados para um público relativamente amplo (já que muitos se confundem com o trabalho jornalístico de David Foster Wallace e foram destinados à publicação em jornais), não são, contudo, ingênuos - preservam, implicitamente, noções que demonstram que se trata de alguém que sabe muito bem o que está em jogo. Ocasionalmente chegamos a encontrar menções e alusões mais diretas à terminologia e à tradição filosóficas, como buscarei demonstrar.

Exemplo dessa diluição de temas filosóficos em seu ensaísmo é “Pense na lagosta”<sup>4</sup>, em que ele descreve uma visita ao Festival da Lagosta do Maine.

---

<sup>3</sup> WALLACE, David Foster. **Both flesh and not**: essays. New York: Little, Brown and Company, 2012a.

<sup>4</sup> WALLACE, David Foster. **Ficando longe do fato de já estar meio que longe de**

Encontramos nesse texto algumas questões de Ética (afinal, podemos e devemos comer lagostas?) e mesmo de Filosofia da Mente, uma vez que ele sugere que esses animais teriam outro tipo de consciência. Desse modo, poderíamos ler o ensaio junto ao clássico texto de Thomas Nagel “*What Is It Like to Be a Bat?*”, em que o filósofo apresenta o problema da qualidade dos conteúdos mentais em não humanos. Embora Foster Wallace não construa trabalho terminológico-conceitual meticuloso, é possível notar em seu ensaísmo um fluxo enorme de temáticas e considerações que são encontradas na tradição filosófica.

O ensaio sobre Federer fora publicado originalmente sob o título “*Federer as Religious Experience*” no *The New York Times*, em 2006. Apenas mais tarde ganha o título de “*Federer both flesh and no?*”. A despeito da mudança, em ambos os títulos notamos a alusão à inexplicável capacidade motora de Federer. Nas palavras do autor, o tema central do artigo é “a experiência do espectador diante de Federer e o contexto dessa experiência”<sup>5</sup>. Assim, sua abordagem adquire um sentido fenomenológico e existencial parecido com o que é explorado pela reflexão de Gumbrecht.

A beleza atlética discutida por Foster Wallace se relaciona com um tipo de inteligência corporal. Nesse sentido, é vão buscar explicações nas leis naturais. Os grandes praticantes de um esporte se caracterizam justamente pela aparência de excepcionalidade e suspensão das leis da natureza. Federer é, então, exemplo de esportista que cumpre seu papel com tamanha naturalidade que não parece se esforçar para fazer exatamente aquilo pelo qual impressiona os espectadores. De acordo com isso, há a impressão de que o esportista não é afetado negativamente pela alta velocidade da bola. Mas a velocidade da bola é sentida pelo espectador e, em especial, por aquele que assiste ao jogo não da televisão, e sim em carne e osso, no estádio. Momentos de intensidade surgem no corpo do receptor a partir da consciência da impossibilidade do que foi feito. Esse aparente paradoxo das grandes façanhas esportivas é um dos fios condutores da reflexão do autor.

A partir disso, é possível falar em “momentos de intensidade”, que também são definidos como “momentos Federer”. Foster Wallace inicia seu ensaio com uma anedota de caráter pessoal, mencionando a vez em que sua esposa o surpreendeu assistindo ao jogo de tênis com uma bacia de pipoca esparramada pelo sofá. Sua compenetração, interesse e entrega ao evento esportivo são tamanhos que, assim como os fãs de esporte em geral, é capaz de emitir grunhidos, sons e movimentos inesperados ao se deixar envolver pela nova façanha de um grande esportista. A experiência de assistir a práticas esportivas não se confunde com a contemplação plácida e silenciosa: Foster Wallace irá apontar para a agitação que também Gumbrecht tenta expressar ao apropriar-se da “comunicabilidade do belo” como elaborada por Kant. Se Gumbrecht usa o termo beleza para falar do esporte, na visão de Foster Wallace, o que dificulta ainda mais a definição do que se passa com o corpo humano ao ver um grande esportista em ação é o fato de a beleza

---

**tudo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

<sup>5</sup> WALLACE, 2012b, p. 278.

não ser a meta dos esportes competitivos. Nesses, em particular quando praticados por homens, é incomum ouvirmos falar em beleza e graça. E, no entanto, através deles é possível a existência de momentos de êxtase. Se, evidentemente, o mais importante nesses esportes ainda é vencer, muito do que é usufruído pelo espectador tem a ver com a observação do que o escritor chama de beleza cinética, ou seja, com a beleza dos movimentos corporais executados por um esportista e com sua capacidade aparentemente sobre-humana de explorar condições adversas que, na pele de qualquer outra pessoa, conduziriam ao fracasso. O êxtase e a beleza sentidos pelo espectador derivam justamente de sua perplexidade diante da concretização de um lance no jogo aparentemente impossível.

Assim, o esporte é descrito como um dos momentos em que o ser humano se reconcilia com o fato de possuir um corpo. Nas obras de David Foster Wallace, as notas de rodapé não têm caráter marginal e frequentemente são tão ou mais interessantes que o texto central. Nesse sentido, destaco uma dessas notas:

Tem muita coisa ruim no fato de termos um corpo. Caso não seja óbvio a ponto de prescindir de exemplos, podemos mencionar assim por alto dores, desconfortos, odores, náusea, envelhecimento, gravidade, sepse, desajeitamento, doenças, limites – toda e qualquer fissura entre nossas vontades físicas e nossas capacidades reais. Alguém duvida de que precisamos de ajuda para nos reconciliarmos? É o corpo que morre, afinal de contas. Há também coisas maravilhosas no fato de termos um corpo, é claro – mas é que essas coisas são mais difíceis de sentir e reconhecer em tempo real. Um pouco como acontece em certo tipo raríssimo de epifania sensorial culminativa (“Que bom que tenho olhos para poder ver esse nascer do sol!” etc.), grandes atletas parecem catalisar nossa consciência de como é glorioso tocar e perceber, mover-se no espaço, interagir com a matéria. Tudo bem que os grandes atletas conseguem fazer com o corpo coisas com as quais podemos apenas sonhar. Mas esses sonhos são importantes – eles preenchem muita coisa.<sup>6</sup>

As dificuldades e problemas que os seres humanos em geral obtêm do fato de terem um corpo são esquecidas diante da visão do belo atlético, que, por si só, parece nos dar a sensação de reconciliação com o corpo, assim como os momentos sintetizados pela “epifania sensorial culminativa”, em que nos sentimos sortudos por sermos capazes de, especificamente através da nossa existência física, fruir algo em interação com a matéria. Dentre as dificuldades mencionadas pelo autor, está o próprio desajeitamento ou falta de traquejo e graça. Em oposição a isso, podemos entender que o uso do corpo feito pelo esportista é glorioso, justamente porque leva a seus limites a própria capacidade humana de interagir com a matéria e o espaço. Da parte do espectador de esportes, a reconciliação parece se dar justamente a partir da já mencionada

---

<sup>6</sup> WALLACE, 2012b, p. 279.

sensação extática, que diz respeito ao reconhecimento de que algo impossível foi realizado pelo esportista.

David Foster Wallace também examina as diferenças entre assistir ao espetáculo pela televisão e assisti-lo ao vivo. Como espectadores, somos muito dependentes do que a televisão decide mostrar. A tela cria uma ilusão de intimidade que muda drasticamente a percepção do esporte. De acordo com a mudança, observamos vantagens e desvantagens. A diferença na percepção é tal que torna impossível dizer que uma partida de tênis seja inteiramente passível de ser televisionada.

Suas considerações sobre as diferenças de perspectiva em relação à quadra esportiva ao vivo e pela televisão lança mão dos conhecimentos “de um estudante de artes” a respeito de perspectiva. Em razão disso, talvez possamos comparar a relação que se tem com o esporte e suas diferentes formas de visualização com a invenção da perspectiva na História da Arte, que legou diferenças significativas para a experiência estética. No caso, a televisão achata a percepção da quadra. Continuando nessa linha argumentativa, Foster Wallace vai além em sua valorização da experiência presencial, ao afirmar que “a verdade é que o tênis na TV está para o tênis ao vivo como um vídeo pornográfico para a real sensação do amor humano”.<sup>7</sup> É também na arte que ele buscará uma síntese para o estilo de jogo de Federer, ao comparar sua graça e potência com uma fusão entre Mozart e Metallica.

Como último recurso para explicar o inexplicável, Foster Wallace buscará na metafísica e na religião os efeitos sentidos pela intensidade de assistir a um grande jogador em ação. Com referência direta ao filósofo medieval Tomás de Aquino, ele afirmará que a única abordagem possível do fenômeno esportivo é oblíqua, na medida em que reconhece a infabilidade do tema. O fenômeno Federer estaria, afinal, envolvido em mistério. Com isso, o autor parece traçar um metacomentário sobre o tipo de ensaio que ele próprio realiza: não tem como objetivo apenas desfiar estatísticas, o que daria melhor jornalismo, mas sim apontar para esse aspecto idiossincrático do evento esportivo, que emociona e extasia sem que entendamos completamente suas razões. Afinal, se as façanhas esportivas parecem impossíveis, a linguagem adequada para descrevê-las tampouco parece existir. Tanto ele como Gumbrecht vão buscar na recuperação da experiência mística e na linguagem do misticismo uma forma de explicar a relação do corpo com o esporte – ainda que, nas palavras deste último, tal movimento se dê na forma de um reencantamento secular.

Com o fito de investigar a prática esportiva, Gumbrecht alterna histórias do esporte repletas de interesse dramático e retomada de conceitos clássicos da filosofia, elaborados por autores tais como Kant, Nietzsche e Heidegger. É evidente, contudo, que esses conceitos são deslocados de seu contexto de criação para tratar da temática, tendo em vista que, como o próprio autor assinala, o intelectual moderno tem dificuldades de elogiar o esporte. É mais comum que, ao

---

<sup>7</sup> WALLACE, 2012b, p. 278.

contrário, o gosto por esporte seja visto com condescendência. Faz-se necessário, então, ir até a Antiguidade Clássica para encontrar em sua valorização das atividades físicas noções tais como *areté* (excelência) e *agon* (competição) para caracterizar o esporte. Na contemporaneidade, a experiência crítica do esporte sobrepuja por completo a capacidade de elogiá-lo. Nadando contra a maré, cunha então o título do livro, “Elogio da beleza atlética”.

Refletindo sobre esse lugar-comum dentre os intelectuais que torna o elogio ao esporte tabu, Gumbrecht acaba por também considerar as idiosincrasias da intelectualidade estadunidense, que fizeram com que o comentário esportivo ali florescesse:

Certamente é possível encontrar textos bons e muitas vezes entusiasmados nas seções de esportes dos jornais todos os dias. O verdadeiro problema surge quando começamos a procurar elogios à beleza atlética no mundo da "alta cultura". Os Estados Unidos parecem ser um oásis em comparação ao deserto que é o resto. Escritores renomados da ficção norte-americana, como Norman Mailer, Joyce Carol Oates, John Updike e Tom Wolfe, dedicaram ensaios famosos a estrelas, eventos e ambientes esportivos. Outros, como Red Smith e George Plimpton, começaram a carreira cobrindo lutas de boxe e jogos de hóquei, e só depois obtiveram reconhecimento literário (incluindo, no caso de Smith, a façanha de ter sido o primeiro jornalista esportivo a ganhar o Prêmio Pulitzer). Talvez o comentário esportivo tenha se tornado uma especialidade norte-americana devido à importância sem paralelos que o esporte tem no sistema educacional dos Estados Unidos, especialmente no nível universitário”.<sup>8</sup>

Essa tradição presente dentre ficcionistas estadunidenses prepara o palco para que a própria investigação de Gumbrecht possa se dar. Com efeito, seu pensamento poderia ser analisado à luz de um complemento biográfico. Nascido na Alemanha, mora e leciona nos Estados Unidos há décadas. Nesse sentido, teria ele próprio as características de um intelectual ao menos em parte estadunidense?

Se viver nos EUA se confundiu para outros pensadores nascidos na Alemanha com a experiência amarga da emigração e do exílio (a exemplo da Escola de Frankfurt), esse não é o caso de Gumbrecht, que tem uma relação muito mais harmônica e de genuína admiração com os Estados Unidos. É justamente em razão do chão pavimentado pelos escritores estadunidenses que aproximo o pensamento de Gumbrecht de um dos grandes ficcionistas e ensaístas recentes na literatura estadunidense, David Foster Wallace, e assim chamo atenção para o fundo sociocultural que torna maior a aproximação da intelectualidade estadunidense com o esporte. Nesse sentido, assinalamos que, para além disso, parece ser decisivo o fato de o corpo dos autores ocupar um espaço físico que

---

<sup>8</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 24.

acaba por moldar sua própria experiência do fenômeno e, conseqüentemente, da produção intelectual.

Na perspectiva de ambos, o esporte não é tratado de saída como uma atividade alienante, ou como uma espécie de pão e circo modernos, mas como promotor de uma beleza específica – e que, no entanto, poderia servir de base para que reflitamos a respeito de outros aspectos da experiência estética contemporânea. A atividade esportiva é igualmente capaz de produzir momentos únicos, idiossincráticos – que se contrapõem, talvez, a uma lógica de massificação e repetição, porque se relacionariam com um paradigma de excelência que às vezes nos lembra a definição de “gênio” nas artes.

O que mais parece fascinar Gumbrecht na atividade esportiva é o que ele chama de “intensidade concentrada” e que se torna o contraponto para um tipo de recepção distraída demasiadamente comum na sociedade hodierna – e que tem seu exemplo mais cabal no *multitasking* da vida digital. A intensidade concentrada, como vimos com os “momentos de intensidade” ligados ao esporte na definição de David Foster Wallace, pode ser encontrada tanto na compenetração do esportista como também na do espectador, que se envolvem completamente com as atividades executadas. Cada pequena fração temporal dessa atividade se associa a um intenso investimento emocional da parte do espectador, que evita a todo custo perder um lance importante, pois sabe que sua atenção pode ser recompensada com a sensação de euforia associada aos esportes. Quanto ao esportista, a concentração e atenção dedicadas ao que está sendo realizado ao mesmo tempo se associa à serenidade para fazer com que as coisas aconteçam.

Poderíamos considerar, portanto, que o gosto por esportes em parte busca compensar a raridade de momentos de intensidade no cotidiano dos homens e mulheres da contemporaneidade, tendo em vista que o “[...] investimento emocional dos espectadores de um evento esportivo gruda-os às arquibancadas do estádio ou às poltronas diante da TV, porque cada segundo de ação contém em si um pagamento potencial, na forma de intensidade”.<sup>9</sup>

Mas essa intensidade é *sui generis* porque, da perspectiva do espectador, ao mesmo tempo é acompanhada da percepção de que não é possível fazer nada para interferir no resultado do que está sendo assistido, e por isso se mescla com uma espécie de serenidade.

Os momentos em que me sinto perdido na intensidade da concentração quando assisto a esportes, momentos em que minha atenção fica mais aguçada e em que sou invadido por emoções, são sempre acompanhados por uma sensação de *serenidade* (o interessante é que a palavra em alemão para serenidade é *Gelassenheit*, “a capacidade de deixar estar”). A euforia da intensidade de concentração parece andar lado a lado com uma sensação peculiar de paz. Estou em paz com a

---

<sup>9</sup> GUMBRECHT, 2007, p. 146.



impressão de que não tenho como controlar e manipular o mundo que me cerca.<sup>10</sup>

A serenidade está presente na concentração do esportista e do espectador. No entanto, enquanto o primeiro lança mão da serenidade para *fazer* as coisas acontecerem, o segundo lança mão da serenidade para *deixar* que as coisas aconteçam. Por isso a euforia sentida pelo espectador estranhamente se aproxima de uma sensação de paz.

Sua reflexão sobre esportes está firmemente atrelada a uma de suas ideias mais originais, que se refere à dimensão de presença, e à percepção de que essa, na sociedade contemporânea, cada vez mais é deixada de lado. A noção de presença parte da perspectiva de que, como seres humanos, somos corpos ocupando um espaço específico em contiguidade com outros objetos do mundo físico. Na cultura hodierna, uma relação interpretativa e hermenêutica com os objetos do mundo prepondera em detrimento da dimensão da presença. Em parte isso se deve ao modo como a vida se torna cada vez mais mediada pela tecnologia e pela experiência da globalização. Em contrapartida, a presença se finca a lugares específicos:

O que é presença? O que queremos dizer quando dizemos que alguma coisa tem presença? Talvez de forma surpreendente, presença enfatize muito mais o espaço que o tempo (a palavra latina *prae-esse* literalmente significa “estar diante de”). Algo presente é algo que está ao alcance, algo que podemos tocar, e sobre o qual temos percepções sensoriais imediatas. A presença, nesse sentido, não exclui o tempo, mas sempre associa o tempo a um lugar específico.<sup>11</sup>

Assim como David Foster Wallace reconhece a existência de momentos de reconciliação com o corpo, em que podemos propriamente reconhecer a satisfação de tê-lo, a presença também é dependente de termos corpos e de esses necessariamente estarem relacionados a um espaço. De acordo com isso, Gumbrecht também utilizará a noção de graça para compreender o esporte e outras atividades performáticas, a exemplo da dança:

[...] o elemento da graciosidade transmite um elemento especial — um elemento da alegria — para aqueles que dançam e aqueles que assistem. [...] Esse sentimento parece ter sua origem na experiência de que o corpo é capaz de um comportamento complexo que a consciência não consegue permitir ou controlar. Nisto consiste a euforia: percebe-se durante a dança que é possível produzir uma complexidade de

---

<sup>10</sup> GUMBRECHT, 2007, p. 47.

<sup>11</sup> GUMBRECHT, 2007, p. 50.

movimentos com o corpo que seria impossível se a consciência participasse demais desse jogo.<sup>12</sup>

No ensaio “Graciosidade e jogo: por que não é preciso entender a dança”, Gumbrecht toma como referências Denby, Kleist e Heidegger para argumentar que a consciência e a intenção pouco participam da graça. A serenidade é o que permite ao esportista deixar que as coisas aconteçam. A partir disso, podemos compreender a graça também a partir do conceito heideggeriano de autodesvelamento do Ser ou evento de verdade, de maneira que a observamos nos momentos em que o corpo parece estar em relação adequada com o mundo. A façanha esportiva, tal como David Foster Wallace define a reconciliação com o corpo em trecho já analisado, é graciosa porque nos dá a impressão de que estamos exatamente onde deveríamos estar. Deste modo, Gumbrecht sintetiza o fenômeno: “Concentrados, receptivos e serenos, sem intenções e sem muita autorreflexão. Estamos presentes — e assim recuperamos novamente uma noção do nosso lugar na natureza”.<sup>13</sup>

Diante disso, podemos nos perguntar se, tal como David Foster Wallace, Gumbrecht também observa diferenças importantes entre assistir ao esporte pela televisão e assisti-lo em carne e osso, no local em que a prática esportiva se realiza. Para Gumbrecht, a diferença mais marcante entre assistir ao esporte ao vivo e pela televisão parece residir no fato de que a televisão implica, em geral, um modo de assistir mais distanciado e analítico, enquanto assistir ao vivo implicaria ser mais um em uma multidão eletrizante e dionisíaca:

Mas não seria essa noção de comunhão uma descrição ultrapassada e horrivelmente romântica do ato de assistir a eventos esportivos? A realidade contemporânea é que a maioria dos torcedores acompanham seus times pela TV, com alguns amigos e familiares, e não no estádio junto com a multidão. Até no Brasil, dentre todos os lugares do mundo, o verbo para estar fisicamente presente a um evento esportivo, assistir, tornou-se também o verbo empregado para se referir ao ato de ver o evento pela televisão. Será que minha descrição dos modos de assistir, como análise ou comunhão, não deveria ser substituída por uma noção revisada em que esses dois modos fundam-se num “sistema de mídia” mais complexo?<sup>14</sup>

No trecho anterior é possível vislumbrar o modo pelo qual Gumbrecht tenta dissociar a aglomeração e a massa das noções negativas a partir das quais elas são hegemonicamente entendidas na filosofia. Além disso, indica provocativamente que talvez sua classificação necessite de uma relação mais clara com um “sistema de mídia”.

---

<sup>12</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Graciosidade e estagnação**: ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2012, p. 110.

<sup>13</sup> GUMBRECHT, 2012, p. 125.

<sup>14</sup> GUMBRECHT, 2007, p. 154.

A valorização do corpo em sua compreensão da estética encontra um complemento preocupante na constatação de que a tecnologia e as mídias de hoje cumprem papel importante no que ele chama de “cronótopo do amplo presente”. A contemporaneidade não só pode ser identificada como uma cultura mais baseada no sentido hermenêutico que na presença como também pode ser considerada a partir de uma perspectiva temporal em que nenhum passado é deixado para trás e nenhum futuro parece se precipitar no horizonte. É essa dificuldade em ver o transcorrer do tempo que Gumbrecht batiza de “amplo presente”. Trata-se de uma característica definidora da compreensão temporal e histórica contemporânea, segundo a qual o tempo não parece se modificar qualitativamente. As novas mídias corroboram esse estado de coisas porque, através delas, a exemplo do que ocorre com os arquivos digitais, todos os momentos históricos parecem se fazer presentes simultaneamente. Assim:

Em vez de deixarem de oferecer pontos de orientação, os *passados* inundam o nosso presente; os sistemas eletrônicos automatizados de memória têm um papel fundamental nesse processo. Entre os passados que nos engolem e o futuro ameaçador, o presente transformou-se numa dimensão de simultaneidades que se expandem. Todos os passados da memória recente fazem parte deste presente em ampliação; é cada dia mais difícil excluirmos do tempo de agora qualquer tipo de modo, ou música, das últimas décadas.<sup>15</sup>

As mídias de massa e a globalização nos impõem novos desafios existenciais. O fato de conseguirmos, de Ouro Preto, estabelecer comunicação com um residente na Austrália em tempo real implica o declínio da presença, na medida em que o local que nosso corpo efetivamente ocupa ao lado de outros objetos físicos deixa de ser relevante. Uma partida de futebol no Mineirão pode se tornar inextricavelmente associada ao local do evento, ainda que tenhamos assistido à partida através de transmissões globais e aparelhos, isto é, sem que estejamos efetivamente ocupando o espaço em que o evento se realizou. Assim, é possível chegar à formulação do seguinte paradoxo:

[...] os esportes não apenas causam a impressão de recuperação do lado físico da existência humana, como associam a nossa imaginação e a nossa experiência de volta a lugares específicos – e muitas vezes o fazem, paradoxalmente, através de transmissões globais.<sup>16</sup>

Não sei se Gumbrecht autorizaria essa leitura, mas, ao levar essa crítica para a Filosofia, e, em particular para a área de Estética, talvez possamos compreender de que modo a reflexão estética voltada para as artes é com frequência excessivamente intelectualista e construída à revelia da dimensão corporal.

---

<sup>15</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**: o tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 16.

<sup>16</sup> GUMBRECHT, 2007, p. 50.

Aproximando-se de uma discussão epistemológica sobre o campo da teoria da literatura, o autor analisará o que poderíamos entender como uma supremacia de um paradigma cartesiano e hermenêutico nas humanidades em geral e, mais particularmente, nos estudos literários.

Naquela que talvez seja sua obra mais importante, “Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir”, Gumbrecht argumenta que a cultura moderna, eminentemente marcada pelo sentido que tenta extrair dos textos, tem como base uma cisão entre sujeito e objeto, ou, ainda, a divisão que remonta a Descartes entre *res extensa* e *res cogitans*, isto é, entre corpo e pensamento. É por isso que, nas humanidades, argumentará ele como exemplo, falamos frequentemente – como se fosse naturalmente desejável – em “pensar com profundidade”. A ênfase no corpo é, ao contrário, uma espécie de desvio dessa hegemonia do sentido e do conteúdo proposicional a serem revelados pela interpretação. Para equilibrar a balança de um paradigma epistemológico marcado pela ênfase no sentido, poderíamos pensar o texto literário, por exemplo, a partir da perspectiva do corpo, do espaço e da presença. Não lemos um poema apenas pelo sentido, mas também por toda sorte de efeitos sonoros e visuais derivados da rima, da aliteração, da cadência colocada pelo tamanho das frases etc.

Gumbrecht não almeja superar ou abandonar o sentido nos estudos sobre literatura, mas antes se perguntar se neles não haveria espaço para uma outra epistemologia, distinta daquela que, segundo ele, possui “orientação metafísica”. Partindo dessa proposta, poderíamos pensar o texto literário mediante uma oscilação entre efeitos de sentido e efeitos de presença. Indo além, poderíamos igualmente investigar como o texto filosófico é capaz de nos trazer prazer oscilando entre esses dois polos. Afinal, parece quase impossível desatrelar o fascínio que grandes escritores e estilistas na filosofia exercem sobre os leitores - de Platão a Nietzsche, passando por Marx e Benjamin - sem levar em consideração os aspectos que não podem ser reduzidos à abordagem hermenêutica, isto é, os efeitos de presença.

Tomemos a obra poética “Galáxias”, de Haroldo de Campos, como exemplo do que os efeitos de presença podem evocar.<sup>17</sup> Na primeira linha, lemos: “e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso”. O que observamos nesse verso e em todo o restante da obra é não só a produção de constelações semânticas, isto é, efeitos de sentido calcados na semelhança semântica, mas também efeitos de presença que se baseiam em aspectos da poesia não completamente abordados a partir de um viés hermenêutico, tais como a rima, as aliterações, as semelhanças sonoras e visuais etc. Pois, se um “começo” possivelmente tem afinidade de sentido com o empuxo de um “arremesso”, grande parte do interesse do verso se constitui, ao invés disso, pela semelhança sonora existente entre “começo”, “meço”, “recomeço”, “remeço” e “arremesso”, bem como pela repetição sistemática de “aqui” e “e”. Assim, ao suavizarmos a

---

<sup>17</sup> CAMPOS, Haroldo. **Galáxias**. São Paulo: Editora 34, 2011.

abordagem hermenêutica, redirecionamos o fenômeno estético para uma perspectiva que leva em consideração o corpo e seu prazer.

Em direção inversa à da prática predominante nos estudos literários, o esporte não parece ser passível de uma recepção focada na hermenêutica, tendo em vista que o corpo está em primeiro plano. O que há, contudo, é uma tendência de que o esporte transmitido pela televisão seja analisado constantemente por locutores, comentaristas e outras interferências que explicam e esmiúçam a técnica e os acontecimentos de uma determinada apresentação. Por mais explicações que sejam dadas sobre um evento esportivo, a experiência de intensidade inerente ao esporte continua intocada. Inspirados por esse exemplo, poderíamos nos indagar o que descobriríamos a respeito de outras experiências estéticas se deixássemos de enfatizar apenas o sentido hermenêutico e valorizássemos em igual medida os estímulos para o corpo, que são inteiramente dependentes da propriedade de “estar presente”.

Da mesma forma que analisamos as diferenças entre assistir ao esporte por aparelhos e presencialmente, podemos questionar qual o sentido mais geral da substituição crescente da presença física pelo virtual. No momento em que finalizo este artigo, o Brasil está em plena crise do coronavírus. Várias famílias estão recolhidas em casa, respeitando a quarentena e se privando do contato com outras pessoas e ambientes. A fim de diminuir o peso dessa demanda, muitas atividades prosseguem por meio de aparelhos digitais e internet. Além disso, há ampla reflexão sobre a necessidade de evitarmos espaços públicos e aglomerações. Ou seja, trata-se de um momento particularmente propício para refletirmos sobre a importância do corpo e da presença espacial e o modo pelo qual, na contemporaneidade, estamos substituindo essas formas de relação com o mundo por outras mais independentes desses atributos.

Se a intensificação da virtualidade e dos aparelhos eletrônicos já era uma tendência inexorável da nossa sociedade, é perceptível que, no momento, tornamo-nos ainda mais atrelados a esse modo de habitar o mundo. Embora talvez não caiba nostalgia em relação a um passado cada vez mais remoto, as modificações históricas relacionadas ao corpo e à espacialidade se mostram como temáticas ainda a ser exploradas devidamente pela área de humanidades.

Quando refletindo sobre o futuro do ensino em sua relação com as mídias digitais, por exemplo, Gumbrecht considera questões da sua própria vivência como alguém pertencente a uma geração mais velha:

[...] recuso fazer o esforço de me adaptar a um ambiente com o qual não me sinto confortável e que me faz parecer inepto. Por exemplo, há demasiadas virtudes potenciais – e até valores democráticos – no ensino à distância para que alguma vez o combata. E, no entanto, sei bem que a universidade onde leciono terá desaparecido no dia em que não for mais

permitted to sit at the table with our (not  
numerous) students.<sup>18</sup>

Com isso, o autor parece evocar mais uma vez a *presença* para lembrar daquele que seria o aspecto insubstituível da sala de aula, e do qual o ensino à distância não daria conta: a instituição de um espaço repleto de estímulos sensoriais, no qual nossos corpos conviveriam com outros objetos físicos. É provável que *presença* seja o conceito-chave para o entendimento daquilo que vivemos nos últimos meses. Ele demonstra o quão penosas são as privações durante o forçoso isolamento doméstico, cumprindo a quarentena necessária à lide com a pandemia. Em comparação com os efeitos trazidos pelas práticas esportivas e pelas aglomerações, podemos dizer que a combinação de isolamento doméstico e excesso de telas acentua nossa privação de presença espacial, assim como as saudades dos momentos de intensidade e reconciliação com o corpo que tínhamos quando os espaços a ser explorados eram muito mais variados e quase infinitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Haroldo. **Galáxias**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Graciosidade e estagnação**: ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2012.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**: o tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- WALLACE, David Foster. **Both flesh and not**: essays. New York: Little, Brown and Company, 2012a.
- WALLACE, David Foster. **Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

Artigo recebido em 07/07/2020

Aceito em 19/11/2020

---

<sup>18</sup> GUMBRECHT, 2015, p. 120.